



"[1] Naqueles dias, outra grande multidão se reuniu e, mais uma vez, o povo ficou sem comida. Jesus chamou os discípulos e disse: [2] ‘Tenho compaixão dessa gente. Estão aqui comigo há três dias e não têm mais nada para comer. [3] Se eu os mandar embora com fome, desmaiarão no caminho. Alguns vieram de longe’. [4] Os discípulos disseram: ‘Como conseguiremos comida suficiente neste lugar deserto para alimentá-los?’. [5] Jesus perguntou: ‘Quantos pães vocês têm?’. ‘Sete’, responderam eles. [6] Então Jesus mandou todo o povo sentar-se no chão. Tomou os sete pães, agradeceu a Deus e os partiu em pedaços. Em seguida, entregou-os aos discípulos, que os distribuíram à multidão. [7] Eles encontraram, ainda, alguns peixinhos; Jesus também os abençoou e mandou que os discípulos os distribuíssem. [8] Todos comeram à vontade. Depois, os discípulos recolheram sete cestos grandes com as sobras. [9] Naquele dia, havia cerca de quatro mil homens na multidão. Após comerem, Jesus os mandou para casa. [10] Em seguida, entrou com seus discípulos num barco e atravessou para a região de Dalmanuta... [14] Os discípulos, porém, se esqueceram de levar comida. Tinham no barco apenas um pão." (Marcos 8.1-10, 14 – Nova Versão Transformadora)

Uma das coisas mais cativantes e que está presente nas narrativas do Evangelho, é a forma altruísta e solidária como o Jesus é retratado. Cristo nunca deixou de enxergar as necessidades vitais do ser humano e de perceber os sofrimentos das pessoas. O texto bíblico acima é um bom exemplo disso. Se prestarmos atenção, veremos que em cada gesto de amor praticado por Jesus, estão implícitos ensinamentos voltados para todos nós. São os chamados “princípios do Evangelho do Reino de Deus”.

No contexto da passagem bíblica, o Senhor Jesus está prestes a partir da cidade de Decápolis (cf. Marcos 7.31), em direção as regiões de Dalmanuta ou Magadã (v. 10; cf. Mateus 15.39). Contudo, antes de seguir viagem, o Senhor Jesus se incomoda (v. 2) com o fato de que grande multidão – que o acompanhava fazia três dias – não tinha o que comer. Marcos fala em cerca de quatro mil homens

presentes naquela ocasião (v. 9). Mas é possível que houvesse pelo menos doze mil pessoas, uma vez que mulheres e crianças não eram contadas (cf. Mateus 15.38).

Ao perceber a necessidade daquelas pessoas, Jesus chamou os seus discípulos e disse: “*Tenho compaixão desta multidão*” (v. 2). O termo “compaixão”, do grego *σπλαγχνίζομαι* (*splanchnízomai*), significa “*ser movido como pelas entranhas [órgãos físicos dos intestinos] da pessoa*”¹. Na época de Jesus a expressão designava o “centro das emoções”, exatamente como fazemos hoje com o vocábulo “coração”. Ela se caracteriza pela empatia em relação à adversidade alheia. **A compaixão dissolve o nosso egoísmo e anula a nossa apatia. Através da compaixão subjugamos as nossas indiferenças e nos tornamos “participantes” das dores e mazelas do nosso próximo.** E como bem disse certa vez o pastor norte-americano Timothy James Keller (1950-2023), “*nem todo mundo é nosso irmão ou irmã na fé, mas todo mundo é nosso próximo – e nós devemos amar o nosso próximo*”.

Movido pela compaixão, Jesus diz aos seus discípulos: “*Tenho compaixão dessa gente. Estão aqui comigo há três dias e não têm mais nada para comer. Se eu os mandar embora com fome, desmaiarão no caminho. Alguns vieram de longe*” (vv. 2-3). A compaixão de Jesus pelas pessoas fez com que ele percebesse quatro verdades inerentes a todo ser humano, e que possuem correlação na atmosfera espiritual:

Em primeiro lugar, existe **a necessidade de alimento** – “*não têm mais nada para comer*”. Alimento é toda substância que, introduzida no organismo, serve para nutrição dos tecidos e para a produção de energia. Todo ser humano precisa de energia para o desenvolvimento das faculdades mentais, físicas e espirituais. Figurativamente, Cristo é o nosso alimento, “*o pão vivo que desceu do céu*” (cf. João 6.51), a nossa maior fonte de energia, “*pois nele vivemos, nos movemos e existimos*” (Atos 17.28 – NVT).

Em segundo lugar, temos **a realidade da fome** – “*Se eu os mandar embora com fome*”. A fome é caracterizada pela urgência de alimento, causada pelas contrações do estômago vazio. Em termos espirituais, todo ser humano possui em seu interior um vazio que necessita de preenchimento contínuo. Cristo é o supridor permanente da nossa fome existencial, pois ele mesmo declarou: “*Eu sou o pão da vida. Quem vem a mim nunca mais terá fome...*” (João 6.35 – NVT).

Em terceiro lugar, vemos **a possibilidade de estagnação** – “*desmaiarão no caminho*”. O verbo “desmaiar”, do grego *ἐκλύω* (*èklýō*), significa “*deixar de produzir, deixar de atingir o objetivo*”². Todo ser humano desprovido de energia, de suprimentos, se torna inerte, paralisado, improdutivo.

¹ VINE, W. E.. *Dicionário Vine: o significado exegético e expositivo das palavras do Antigo e do Novo Testamento*. Trad. Luís Aron de Macedo. Rio de Janeiro: CPAD, 2002. 480, 598 p.

² *ibid.* 551 p.

Cristo é nosso motor de propulsão. Ele é quem “*age em nós, nos dando o desejo e o poder de realizar aquilo que é do agrado dele*” (Filipenses 2.13 – NVT).

Em quarto e último lugar, há o **desgaste provocado pela jornada** – “*Alguns vieram de longe*”. Toda e qualquer atividade gera gasto de energia. Todo ser humano tem, ao longo do caminho percorrido, redução da capacidade, enfraquecimento, cansaço. Cristo conhece bem a distância e as dificuldades diárias presentes no caminho que percorremos até a presença dEle. Diante disso, Ele nos convida: “*Venham a mim todos vocês que estão cansados e sobrecarregados, e eu lhes darei descanso*” (Mateus 11.28 – NVT). Por isso, em Cristo “*nunca desistimos. Ainda que nosso exterior esteja morrendo, nosso interior está sendo renovado a cada dia*” (2Coríntios 4.16 – NVT).

Em resumo, Jesus percebeu que aquelas pessoas possuíam carências biológicas, que servem como arquétipos da nossa carência espiritual, da necessidade que todo ser humano tem de ter o Senhor Jesus Cristo como sustentador de todas as coisas (cf. Hebreus 1.3). Como é bom sabermos que, mesmo quando estamos ocultos na multidão, cobertos pela carências e necessidades, Jesus nos enxerga. No meio da massa Ele nos vê como seres singulares e, por isso, trata com cada um de nós particularmente.

Mesmo sabedor de que somos maus por natureza (cf. Mateus 7.11), Jesus insiste em nos fazer seus cooperadores. Cristo não precisa de nós. Ainda assim, deseja a nossa presença e participação. Mas isso não é por causa de nós, e sim, apesar de nós. No texto bíblico (v. 5), Jesus já havia decidido repetir o milagre da multiplicação dos pães e, como da primeira vez, quis a participação dos discípulos para a realização do milagre. Por isso, lhes perguntou: “*Quantos pães vocês têm?*”. Como resposta, eles disseram: “*Sete*” [guarde esse número]. Separar o pão, o básico, o natural e colocá-lo à disposição, foi trabalho dos discípulos. Realizar o impossível, o improvável, o sobrenatural, foi função de Jesus. Em nossos dias, Jesus age da mesma forma. Ele continua com o coração decidido a realizar milagres e impactar a vida das pessoas. Como no passado, Jesus tem interesse na participação dos Seus seguidores no processo. Por isso, Ele insiste em perguntar: “*Quantos pães vocês têm?*”, isto é, “*Quanto vocês têm de básico, de natural, de matéria-prima, para a realização do milagre?*”. A diferença é que, nos dias atuais, os discípulos de Jesus somos nós.

Na sequência do texto bíblico, “*Jesus mandou todo o povo sentar-se no chão. Tomou os sete pães, agradeceu a Deus e os partiu em pedaços. Em seguida, entregou-os aos discípulos, que os distribuíram à multidão. Eles encontraram, ainda, alguns peixinhos; Jesus também os abençoou e mandou que os discípulos os distribuíssem. Todos comeram à vontade. Depois, os discípulos recolheram sete cestos grandes com as sobras. Naquele dia, havia cerca de quatro mil homens na multidão. Após comerem, Jesus os mandou para casa. Em seguida, entrou com seus discípulos num barco e atravessou para a região de Dalmanuta*” (vv. 6-10).

Durante a viagem para Dalmanuta, os seguidores de Cristo perceberam algo importante. Apesar de terem recolhido sete cestos grandes com as sobras dos pães, “os discípulos se esqueceram de levar comida” (v. 10) para a viagem. Eles não trouxeram nada daquilo que foi multiplicado por Jesus. Contudo, o texto bíblico afirma que, mesmo assim, os discípulos “tinham no barco apenas um pão” (v. 10). Sendo assim, em vez de sete pães, os discípulos de Jesus tinham oito pães no total. De maneira que, no momento em que ofertaram os pães, eles retiveram um pão – o oitavo pão. Seja por medo de entregar todos os pães e ficarem sem nada, ou por não acreditarem que o milagre da multiplicação pudesse se repetir, o fato é que a entrega feita pelos discípulos foi parcial, fracionada, incompleta.

Para nós, é muito fácil entoar o cântico “*Tudo Entregarei*” (cf. Hino 295 do Cantor Cristão). Porém, quando analisamos a nossa praticidade de vida, constatamos que na maioria das vezes tudo não passa de verbosidades vazias de conteúdo e sem sentido prático. Gostamos de contemplar a entrega daquilo que está nas mãos dos outros. Porém, ocultamos a totalidade do que está em nossas mãos. **Apreciamos a oferta de vida dos outros e não a oferta de nossa vida para os outros.**

A primeira multiplicação dos pães foi feita para os judeus. A segunda multiplicação ocorreu no território dos gentios. Na primeira, os discípulos “se preocuparam” com a multidão que estava faminta, mas só porque era judia. Na segunda multiplicação, por se tratar de gentios, os discípulos queriam que “alguém” se importasse com eles. Da mesma forma, ainda que inconscientemente, a maioria de nós é tentada a se importar apenas com as pessoas que são próximas a nós, que pensam da mesma maneira que nós e mantêm os mesmos gostos e desejos.

Por causa da nossa incredulidade (os discípulos já tinham visto Jesus alimentar multidão ainda maior com apenas cinco pães e dois peixes, cf. Marcos 6.34-44) deixamos de atender plenamente os convites que Jesus nos faz. Temos medo de que, se entregarmos tudo a Jesus, algo vai nos faltar, que deixaremos de viver uma vida plena e livre. Na maioria das vezes, de tudo aquilo que Deus nos dá, nem mesmo a mínima parte é ofertada a Ele. Tome como exemplo o nosso tempo cronológico. O dia tem 24 horas. O dízimo disso são 2h24min. Agora responda: Quantos de nós dedicam esse tempo diário a Deus? Infelizmente, na mente de muitos cristãos, uma vida compromissada com Deus é sinônimo de escravidão, privação de alegria e isenção de prazeres.


Confiar em Deus e se entregar integralmente a Ele. Esses são exercícios de vida que precisamos aprender a fazer. Costumeiramente nós cremos em um Deus “equivocado”, que em alguns momentos deixa de tomar a melhor decisão. Alguns de nós se acostumaram a dar “ideias” a Deus, como se Ele não soubesse o que fazer, quando fazer e como fazer – para comprovar isso, basta analisarmos o conteúdo das nossas orações. E mesmo quando nos ajuntamentos solenes, presenciamos a multiplicação do agir de Deus na vida das pessoas, desperdiçamos as sobras (v. 8). Voltamos para casa

sem nada daquilo que foi multiplicado (v. 14). E ainda temos a petulância de dizer uns aos outros que deixamos de ser abençoados por Deus. A lista de exemplos desse fato é grade: Deixamos de ler diariamente a Palavra de Deus e depois culpamos Deus por não termos uma direção clara do que fazer. Deixamos de passar um tempo de qualidade orando a Deus e depois ainda O culpamos por não sentirmos a Sua presença.

Jesus, por causa de sua compaixão pela humanidade, mantém o desejo de operar maravilhas em nós e, principalmente, através de nós. Por isso, diariamente ele nos faz as seguintes perguntas: “Quantos pães vocês têm? Que quantidade de matéria-prima para o milagre vocês estão dispostos a ofertar?”. Qual tem sido a nossa resposta? Onde está o nosso oitavo pão? Aquele que a gente não entrega nas mãos de Deus? Aquele que a gente não compartilha com quem tem menos, ou com quem não tem nada? **Por amor, ou talvez por misericórdia, o Senhor Jesus aceita a parte da nossa vida que ofertamos a Ele. Mas Ele sabe – e nós também – que tudo não passa de uma devoção parcial, incompleta e, na maioria das vezes, superficial.**

Comumente deixamos de atentar para o fato de que **pão retido não se multiplica**. Mas também não impede o agir de Jesus. Contudo, o egoísmo nos exclui como participantes de sua ação. Hoje é o tempo de colocarmos toda a nossa vida, todos os nossos “pães”, à disposição de Jesus. Inclusive, o nosso oitavo pão.

Soli Deo Gloria.


 Estudo baseado no sermão homônimo ministrado em 25/06/2018, na Igreja Batista em Jardim Santa Terezinha - São Paulo/SP.

Autor: Pr. Herbert Pereira

[Copyright © 2023] – Todos os direitos reservados.



Kéryx Estudos Bíblicos e Teológicos – *Em Defesa da Verdade*

 Acesse: keryx.com.br

*“Orem por mim, para que, no abrir da minha boca, me seja dada a palavra, para com ousadia tornar conhecido o mistério do Evangelho”
(Efésios 6.19 – Nova Almeida Atualizada)*